

RESENHA: DISCURSO E CULTURA NA AULA DE LÍNGUA

Alessandra BALDO*

Resumo: *Tendo percebido que grande parte dos cursos de Licenciatura em Letras com habilitação em língua estrangeira reservava pouco espaço para o ensino do componente cultural, a pesquisadora Serrani contribui para o enriquecimento desta área ao reunir seus estudos sobre cultura no ensino de língua em seu livro “Discurso e Cultura na Aula de Língua”.*

Palavras-chave: *ensino de língua; discurso; cultura.*

“Discurso e Cultura na Aula de Língua / Currículo – Leitura – Escrita” (Campinas, SP: Pontes, 2005, 142 páginas), o novo livro da professora e pesquisadora Silvana Serrani, do Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, tem como objetivo primeiro mostrar como é possível operacionalizar o componente sócio-cultural na aula de língua, tanto materna quanto estrangeira. A justificativa para isso, encontrada nas linhas de abertura do primeiro capítulo, não poderia ser mais coerente: enquanto “o componente sócio-cultural é sempre posto em relevo na teoria, não é raro que tenha um papel secundário em práticas de ensino de línguas”. (p.15)

Como detalha no prefácio, Serrani respalda sua justificativa com base em dois fatos. O primeiro refere-se a suas indagações entre a efetiva relação teoria-prática no ensino de línguas no que tange às noções de discurso e contexto, especialmente em propostas de leitura e escrita. O segundo refere-se às observações que fez durante 1998 e 2003, quando atuou como membro de comissões do Ministério de Educação para a avaliação de cursos de Letras – habilitação para línguas materna, inglês e espanhol. Entre algumas dessas observações, pôde constatar o pouco espaço reservado às dimensões sócio-cultural e enunciativa da língua na maior parte das grades curriculares, bem como a escassez de enfoques interculturais efetivos.

O livro, composto de estudos aplicados ao ensino realizados pela autora desde 1980, está dividido em três partes. Na primeira, intitulada “A formação do professor e currículo de língua”, são apresentadas, além do perfil desejável do profissional de língua (Capítulo 1), uma proposta de currículo intercultural e discursivo (Capítulo 2). Estudos de caso sobre o uso de poesia no ensino de língua apresentados no Capítulo 3 encerram a seção com um debate sobre a falsa dicotomia entre língua/literatura.

* Doutora em Lingüística Aplicada pela PUCRS e professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, RS; e-mail: lelbaldo@terra.com.br.

Na segunda parte da obra, “A Leitura como Prática Discursiva”, atividades de leitura em língua estrangeira com base na análise argumentativo-discursiva, na intertextualidade (Capítulo 4) e na análise contrastiva de textos em duas línguas (Capítulo 5) são descritas e detalhadas. Na terceira e última parte, dedicada à “Escrita como Processo”, dois tipos de proposta são avaliados: as oficinas de reformulação da escrita na língua estrangeira a partir da consciência das características da enunciação própria e alheia – ou seja, língua materna e língua estrangeira, respectivamente (Capítulo 6), e a proposta do escrevente indeterminado, na qual a autora trabalha com a dimensão afetiva no ensino de língua (Capítulo 7).

Como tanto a segunda e a terceira parte do livro de Serrani são ilustrações da sua proposta de currículo apresentada no início, é na descrição da proposta que vamos nos deter aqui. Inicialmente lembrando que o profissional de língua deve estar “apto para realizar práticas de mediação sócio-cultural, contemplando o tratamento de conflitos identitários e contradições sociais, na linguagem da sala de aula” (p. 15) e ilustrando os problemas que podem decorrer dessa inaptidão a partir da condução de uma atividade de leitura em um programa de alfabetização de jovens adultos, a autora parte do modelo multidimensional de Stern (1993) para apoiar o seu programa interculturalista e discursivo de ensino de língua¹.

Na direção contrária à única pedagogia possível para o ensino de língua estrangeira até bem recentemente – ou seja, o ensino da língua estrangeira com o mínimo possível de inter-relação com a língua materna –, Serrani propõe que se parta sempre da cultura de origem dos estudantes. Até porque, para a autora, não há como ser diferente. Ao comentar, por exemplo, sobre a orientação dada por professores até há pouco tempo para que os aprendizes “pensassem em inglês” ou “em francês” ou em qualquer que fosse a língua estrangeira estudada, Serrani argumenta que

aquela instrução não passava de uma grande ficção. *In petto*, como diz Coste (1985), sempre está a língua materna. ‘Pensar em outra língua’ não é algo que dependa apenas de uma determinação voluntária ou consciente. A língua e a discursividade de um sujeito fazem parte de sua constituição identitária. (2005, p.103)

A idéia de partir do contexto de origem é emprestada da pedagogia de Freire (1970, 1980) para o ensino da língua materna, e o desafio da autora é validá-la também para o ensino da língua estrangeira. Com materiais didáticos tanto na língua de origem e/ou na língua alvo, os principais objetivos de tal

¹ O modelo de Stern para o ensino-aprendizagem de língua prevê quatro componentes: língua, comunicação, cultura e consciência de linguagem. Segundo a autora, esse modelo representou um avanço sobre os modelos unidimensionais de ensino, com base na descrição lingüística ou, mais recentemente, na função comunicativa.

currículo seriam estimular o estabelecimento de pontes culturais entre a cultura de origem e a cultura alvo, e, assim, garantir que o componente sócio-cultural tivesse de fato um papel significativo nas aulas de língua.

Serrani apresenta três componentes na sua proposta de currículo: 1) intercultural, 2) de língua-discurso e 3) de práticas verbais. Para evitar que o domínio sócio-cultural acabe tendo um papel secundário, a autora prevê que o componente intercultural aconteça antes ou concomitantemente ao componente específico de linguagem. Assim, ao invés de partir de elementos do sistema da língua em questão, as reflexões iniciais a serem feitas ao se elaborarem as unidades de ensino são as seguintes: que conteúdos e contextos sócio-culturais estão previstos? Quais gêneros discursivos estarão em foco? Somente quando essas questões forem respondidas é que se passará aos dois componentes seguintes, ou seja, o da língua-discurso – quando serão tratadas questões da materialidade lingüística, relativas ao sistema fono-morfo-sintático da língua, mas sempre com base no princípio da interdependência materialidade lingüística/processo discursivo – e o das práticas verbais – quando a unidade, naturalmente, não será nem a palavra nem a sentença, mas sempre o gênero discursivo.

A fim de sistematizar o trabalho com o primeiro componente, a autora propõe uma classificação dos objetivos de trabalho em (1) territórios, espaços, momentos, (2) grupos sociais e (3) legados culturais. Embora isso possa parecer confuso a um primeiro olhar, uma única ilustração de uma atividade didática elaborada para um curso de espanhol para universitários brasileiros com base nessa classificação, entre as páginas 32 a 34, foi suficiente para esclarecê-la. Ao ilustrar exemplos de atividades de leitura em que os componentes culturais e discursivos foram priorizados, na segunda parte do livro, a clareza e a procedência de sua proposta de currículo aparecem novamente. E ainda novamente na última parte do livro, na qual são descritas atividades de escrita em língua estrangeira elaboradas à luz da proposta intercultural da autora.

Desse modo, considerando-se esse sempre presente casamento entre proposta teórica e aplicação da teoria, temos aqui a grande contribuição da obra de Serrani para a didática de ensino de língua. E essa contribuição parece ainda mais importante exatamente por abarcar o ensino da cultura na aula de língua, o qual, como bem salienta a autora, fica muitas vezes relegado a um segundo plano. Após a leitura desse livro, é possível vislumbrar novas possibilidades de relação entre teoria e prática nas noções de discurso e contexto – relação essa que, conforme visto anteriormente, constitui-se em um ponto de indagação para a autora. A boa nova, assim, é que essa indagação de Serrani e, muito provavelmente, de vários outros profissionais dedicados ao ensino de língua, acaba de encontrar uma resposta viável em “Discurso e Cultura na Aula de Língua”.

BALDO, A. REVIEW: DISCOURSE AND CULTURE IN THE LANGUAGE CLASS

Abstract: Having noticed that a significant proportion of undergraduate Language courses have not been paying the necessary attention to the cultural component in the curriculum, Serrani has decided to give a contribution to the area by gathering her studies on culture in language teaching with her book "Discourse and Culture in the Language Class".

Keywords: language teaching; discourse; culture.

Referências Bibliográficas

COSTE, D. Metalangages, activité métalinguistique et enseignement/ apprentissage d'une langue étrangère. In: **DRLAV, Revue de linguistique**, v. 32. Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogía del Oprimido**. México: Siglo XXI, 1970.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz Y Tierra, 1980.

STERN, H. **Issues and Options in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.